

POR ONDE ANDARÁ O DESEJO DE APRENDER DOS ALUNOS?

*Clenilda Cazarin Pezzini¹
Maria Lúcia Sica Szymanski²

Este trabalho apresenta o relato de uma experiência envolvendo a formação de dezessete docentes que atuam na rede pública de um município do sudoeste paranaense, buscando propiciar um espaço de discussão sobre a falta de desejo de aprender demonstrada por uma parcela considerável de alunos das escolas públicas. Esses alunos, segundo professores e equipe pedagógica, freqüentam as aulas por obrigação, sem, contudo, participar das atividades básicas do dia-a-dia, ficam apáticos diante de qualquer iniciativa dos professores, faltam às aulas sem justificativa, perdem o dia da prova e não procuram fazer a substitutiva, enfim, deixam os professores frustrados por não conseguirem atingir totalmente seus objetivos, o que, por sua vez, coloca-os diante de um dilema: o que fazer? Como lidar com tais alunos? O que se está fazendo errado? Afinal, a escola tem o dever de fazer com que todos aprendam. Mas como, se alguns não estão interessados? Relatam-se as principais conclusões das discussões e os encaminhamentos propostos pelos professores no decorrer dos debates.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino-Aprendizagem. Desejo de aprender.

ABSTRACT:

This research reports an experience involving 17 teachers working on the public education system at schools in the southwest of Parana state. It tries to open a forum to debate children's lack of motivation to learn and enjoy classes. According to these teachers, many children go to school just

¹ Prof^a PDE - Pedagoga da Rede Estadual de Ensino do Estado do Paraná. Núcleo Regional de Educação de Francisco Beltrão. Município de Francisco Beltrão – Paraná. clenildapezzini@ibest.com.br.

² Prof^a Orientadora - Mestre e Doutora em Psicologia pela USP e Pós-Doutora em Psicologia, Desenvolvimento Humano e Educação pela FE-UNICAMP szymanski_@hotmail.com

because they have to, otherwise they'd be home. They don't come to classes some days, even test days, and don't bother either showing some explanation for not coming or doing another test to recuperate their scores. Teachers in this scenario are frustrated because they cannot achieve their objective which is to teach students effectively. Some questions remain in the air: How to handle these kids? What are the teachers doing wrong? This paper reports the resulting suggestions and comments from the teachers involved in the experience.

INTRODUÇÃO

Trabalhar com educação, com alunos em sala de aula, nunca foi exatamente uma tarefa tranqüila. O aluno, de qualquer idade, é naturalmente agitado, quer por comportamento próprio, quer por influência da classe, pois o clima de indisciplina acaba envolvendo a todos. Uma sala de aula é, por vezes, barulhenta, o que não significa necessariamente que os alunos sejam indisciplinados ou não estejam participando da atividade proposta pelo professor.

Entretanto, nos últimos anos tem surgido, ou ficado mais explícito, um comportamento que pode ser barulhento ou pode ser apático, mas é extremamente incômodo: é a indiferença. Tem-se observado nas salas de aula um número cada vez maior de alunos que se mostra totalmente desinteressado pelos estudos, que parecem não apresentar o desejo de aprender.

Sendo assim, o presente estudo justifica-se por articular-se aos problemas da realidade escolar paranaense, envolvendo estratégias de ação pertinentes e condizentes com esse contexto. Objetiva-se relatar uma experiência buscando sensibilizar professores da rede pública estadual a buscar alternativas para lidar com a falta de desejo de aprender dos alunos.

Inicialmente, foi feita uma pesquisa exploratória (PEZZINI e SZYMANSKI, 2007) para conseguir maior conhecimento sobre o assunto, tendo como principal finalidade esclarecer, com vistas à formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos

posteriores (GIL, 1994, p. 44). Os dados coletados foram analisados utilizando-se a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (LEFEVRE, 2005) sendo, em uma segunda etapa, apresentados e discutidos com os docentes envolvidos no presente relato.

DESEJO E DESEJO DE APRENDER – breves considerações

Para entender a falta de desejo de aprender demonstrada por tantos alunos é preciso primeiro saber o que é o desejo. Segundo Rudel (2007, p.35), “um impulso não satisfeito em tempo leva ao surgimento de uma tensão - que caracteriza o desejo.” E sempre que a pessoa pensa no assunto estará criando ou aumentando o desejo de obter tal coisa, levando-o a procurar meios de satisfazer seu desejo.

O desejo de aprender não é diferente. O primeiro desejo que a criança tem é o de aprender sobre sexo. A partir do momento que percebe diferenças sexuais, físicas, externas, a criança tende a procurar respostas, criando-se aí o desejo de aprender. Para Kupfer (1995, p. 80) a descoberta da diferença sexual anatômica é o início do desejo de saber. Para a autora, “A criança descobre diferenças que a angustiam. É essa angústia que a faz querer saber”. Daí em diante, ela buscará respostas para tudo que lhe parecer estranho. Para alguns autores, o desejo de aprender de uma criança é basicamente o mesmo de um cientista. Sendo assim, ela só buscará respostas para aquilo que lhe despertar curiosidade. E este é um dos motivos que, muitas vezes, emperram o trabalho dos professores.

Para Kupfer (1995, p. 79), “... o processo de aprendizagem depende da razão que motiva a busca de conhecimento”, ressaltando o porquê da sua importância. Os alunos precisam ser provocados, para que sintam a necessidade de aprender, e não os professores “despejarem” sobre suas cabeças noções que, aparentemente, não lhes dizem respeito. A forma de apresentar o conteúdo, portanto, pode agir em sentido contrário, provocando a falta de desejo de aprender que seria, para os alunos, o distanciamento que se coloca entre o conteúdo e a realidade de suas vidas.

Quando o aluno não percebe de que modo o conhecimento poderá ajudá-lo, como poderá desejá-lo se lhe parece inútil?

Cabe ao professor perceber quando sua aula não está conseguindo atingir os alunos, e então mudar de estratégia. Nas palavras de uma professora participante do Grupo de Trabalho em Rede, cuja orientação é uma das atribuições do professor PDE, a aprendizagem restrita a processos circunscritos ao “**escute, leia, decore e repita**”, precisam dar lugar a processos que envolvam ações como “**investigue, problematize, argumente, produza, crie, projete**”, entre outras.

É preciso, antes de tudo, cativar os alunos, deixando entrever que o que está sendo ensinado será fundamental para sua aprendizagem e vida futura. É assim que agem os profissionais da propaganda. Na visão de Bernardo (2000, p. 176), eles convencem aos indivíduos que serão especiais se – e somente se - obtiverem tal produto. Da mesma forma deveriam agir os professores, apresentando o conhecimento como algo muito importante e necessário aos alunos.

Entretanto, precisa-se estar preparado sempre com novas idéias, pois o alcance do objeto desejado não preenche o vazio do ser humano. Isso porque o desejo se sustenta na expectativa, e, conseguido um objeto, é preciso partir para outro, numa busca constante. Assim é na educação. Quando o professor consegue provocar o aluno, não pode deixar que a aula caia no vazio. É preciso sempre inovar, para que o aluno mantenha-se interessado. Por isso a tarefa de educar é árdua, é uma luta permanente, uma busca contínua pela própria superação.

Vive-se sob a égide de uma política neoliberal, que privilegia o capital em detrimento da vida humana, o individualismo sobre a coletividade, aliada à globalização, que ajuda na massificação de idéias e na consolidação de costumes, em detrimento das culturas próprias de cada povo. Esta preocupação coletiva pelo capital retirou das escolas o campo filosófico, o debate de idéias, a formação/consolidação de opiniões, a capacidade de argumentar. O interesse atual é formar para o mercado de trabalho, independente do que rezam os Projetos Político-Pedagógicos, onde a “formação para a cidadania” aparece como meta principal. Sendo assim,

grande parte dos professores também banuiu de suas aulas a conversa, a troca de idéias, o diálogo, enfim, a oralidade. Deste modo, o aluno tem pouca ou nenhuma participação nas aulas, ficando mesmo sem entender do que o professor está falando.

Porém, este “mercado de trabalho” está cada vez menos acessível aos jovens. Apesar de algumas iniciativas governamentais, o tão almejado primeiro emprego continua quase inacessível. Assim, nossos jovens já não conseguem atrelar o saber ao seu uso, que seria, na prática, o trabalho.

Com tudo isso acontecendo, como levar os adolescentes e jovens a entenderem a importância da formação acadêmica? E, mais do que isso, a perceberem a importância de efetivamente aprender para a vida e não somente para obter um diploma, sendo que conseguir emprego seria mera consequência de sua aprendizagem?

Há que se levar em consideração também a falta de uma política educacional não imediatista. O que existe são projetos que, ao serem postos em discussão, não chegam a ter a participação dos maiores interessados – a comunidade escolar. São analisados pelos parlamentares e aprovados ou não, e à escola cabe acatá-los e colocá-los em prática. Sendo assim, os professores acabam como reféns e aliados do sistema. *Reféns*, quando se deparam diante do “fato consumado”, a lei aprovada e sancionada, à qual eles precisam apenas se adaptarem. Aliados, quando deixam de discuti-la com colegas e até com alunos, por comodismo ou até mesmo por medo de retaliação. Como consequência, a escola desempenha o papel de transmitir a ideologia dominante, contribuindo para criar uma postura de submissão.

Deste modo, nem todos os professores acreditam realmente naquilo que estão fazendo, e por isso mesmo, acabam apenas repassando aos alunos o que “está no programa”, sem muito entusiasmo, levando os alunos à alienação. E DEMO (1993, p. 153), muito apropriadamente, diz que:

Parece claro que “ensinar” já não significa transferir pacotes sucateados, nem mesmo significa meramente repassar saber. Seu conteúdo correto é motivar processo emancipatório com base no saber crítico, criativo, atualizado, competente. Trata-se [...] não de controlar a competência de quem “aprende”, mas de abrir-lhe a chance na dimensão maior possível.

No entanto é muito difícil, para não dizer impossível, motivar para a emancipação, quando o professor sequer é capaz de desvincular-se do livro didático. Autonomia, palavra de origem grega que quer dizer *dirigir-se por sua própria vontade*, dificilmente será obtida na escola, se os professores apenas ditam regras (faça, copie, calcule, leia, responda, etc.). Ninguém será autônomo se precisa apenas obedecer, e nem conseguirá exercer autonomia se não souber o que e para quê está fazendo. Ora, mesmo sabendo para que serve o conteúdo, às vezes o aluno mostra-se desinteressado, imagine-se quando ele não sabe e não consegue fazer uma ligação com a vida real.

Além disso, os alunos dão mais atenção aos professores que deixam claras as regras a serem seguidas. Eles gostam de professores que explicam bem a matéria, os tratam com carinho, com respeito, os atendam individualmente (na carteira), pois é neste atendimento individual que o aluno cria a coragem necessária para fazer perguntas, que não faria em público, por medo da reação dos colegas. Perguntar, segundo Freire, (1985, p. 46) é o início da aprendizagem. “... o que o professor deveria ensinar [...] seria, antes de tudo, ensinar a perguntar. Porque o início do conhecimento, repito, é perguntar. E somente a partir de perguntas é que se deve sair em busca de respostas.”

Sendo assim, é necessário que se estimule o aluno a fazer perguntas, e a presença do professor na carteira do aluno pode ser a única oportunidade para que o faça.

Por outro lado, chegar perto do aluno, conversar com ele, demonstrar respeito por suas idéias, suas dúvidas, estimula-o à participação nas tarefas escolares. Todo ser humano gosta de atenção. E os alunos, muitas vezes, só a têm na escola.

Um conceito positivo de si mesmo facilita ao aluno a possibilidade de aprendizagem, pois

[P] perde-se a auto-estima quando se passa por muitas decepções e frustrações, situações de perda, ou quando não se é reconhecido por nada que se faz, isto é, quando o outro nada deseja de nós e, portanto, aprende-se a nada desejar (SZYMANSKI e PEREIRA JUNIOR, 2006, p. 167).

Então, a atenção do professor, demonstrando interesse pelas atividades do aluno, estimulando-o ao esforço contínuo, resulta muito melhor do que tratá-lo com aspereza ou, pior ainda, com desprezo.

É o professor quem deve criar condições para a aprendizagem. Segundo Gasparin, (2005, p. 15), “o educando deve ser desafiado, mobilizado, sensibilizado; deve perceber alguma relação entre o conteúdo e a sua vida cotidiana, suas necessidades, problemas e interesses. Torna-se necessário criar um clima de predisposição favorável à aprendizagem”. Entretanto, o conteúdo a ser trabalhado muitas vezes não é devidamente relacionado com a vivência do aluno, que não consegue estabelecer utilidade desta aprendizagem para si. Neste caso, desinteressa-se pelo assunto e passa a perturbar o andamento da aula.

A vida pessoal do aluno também influencia a vida escolar. Percebe-se que, de uma forma ou de outra, todas as “melhores experiências” da vida dos alunos estão relacionadas à família. Por mais inexpressivo que possa parecer o acontecimento, ele fica gravado para o aluno como muito importante: viajar, ganhar presentes, conseguir emprego, melhorar de vida, etc. Será que uma participação mais efetiva da família na vida escolar dos filhos não os levaria a acreditarem mais na importância do ato de estudar? O afastamento dos pais não estará atestando para o filho que, se estudar fosse importante, seus pais também estariam interessados? A verdade é que a escola precisa incentivar a participação dos pais trazendo-os para dentro dos problemas, incluindo-os nas discussões, apontando-lhes caminhos, fazendo-os sentirem-se parte ativa neste mundo que, muitas vezes, lhes é totalmente estranho.

Em suma, a falta de desejo de aprender dos alunos relaciona-se à falta de desejo de ensinar de alguns professores, à falta de perspectiva de um futuro melhor, à precariedade das políticas educacionais em vigor que permitem a alunos serem aprovados pelos Conselhos de Classe, tirando-lhes a responsabilidade pelos estudos, à desestruturação de algumas famílias, cujos filhos chegam à escola desconhecendo, muitas vezes, as regras mais elementares de convivência e sem conhecimento de limites e a outras tantas causas mencionadas ao longo deste trabalho.

Todos estes problemas, aliados às salas de aula superlotadas e com pouca ventilação e circulação de ar, aos professores estafados devido ao número excessivo de turmas que atendem, e a tantos outros problemas pelos quais passa a educação, está afetando de forma significativa a educação nas escolas públicas.

PEZZINI e SZYMANSKI (2007) desenvolveram uma pesquisa utilizando como técnica a entrevista semi-estruturada buscando investigar melhor a questão da falta do desejo de aprender. Trabalharam com 18 alunos, de 7ª e 8ª séries, nos turnos matutino e noturno, de uma escola da rede pública estadual, selecionados de acordo com os seguintes critérios: a) faltavam às provas e não procuravam fazer a prova substitutiva; b) chegavam freqüentemente atrasados no primeiro horário; c) não entregavam os trabalhos escolares; d) recusavam-se a desenvolver as atividades em sala de aula com a maioria dos professores; e) ao serem questionados sobre esses procedimentos, mostravam-se indiferentes.

O roteiro de entrevista foi aplicado individualmente. Os dados obtidos foram analisados de acordo com o método DSC (Discurso do Sujeito Coletivo), definido por LEFÉVRE (2003) como uma forma de representar o pensamento de uma coletividade, num só discurso-síntese, ou seja, utilizar o discurso de todos como se fosse de uma única pessoa.

Respostas claras para problemas reais

Ao efetuar as entrevistas com os alunos, as autoras constataram que as causas apresentadas para explicarem a falta de desejo de aprender são muito parecidas, sendo que os problemas familiares, a reprovação e as aulas maçantes de alguns professores são fatores preponderantes.

Perguntados sobre a melhor experiência de sua vida escolar, descobriu-se que a maioria delas ocorreu fora da sala de aula, ainda que no ambiente escolar. Isso vem reforçar a idéia de que as salas de aula estão

sendo, ou parecendo, sufocantes. Não foi qualquer tipo de aula que eles consideraram como boas experiências, e sim atividades diferenciadas, como viagens de estudos, jogos, palestras, etc.

Nas respostas a uma pergunta sobre a pior experiência escolar, distinguem-se perfeitamente dois fatos que desagradaram à maioria dos alunos entrevistados: terem reprovado e/ou terem sido tratados rudemente por algum professor. A reprovação marca profundamente a vida de um aluno, pois além de perder um ano de suas vidas, eles ficam separados da “sua” turma, dos colegas de vários anos e, principalmente, sentem a responsabilidade de desagradar aos pais e à família. Os dados revelaram que os alunos que reprovam podem até disfarçar com um ar de pouco caso, mas por dentro sentem-se arrasados. Muitas vezes a reprovação lhes serve como lição, e procuram ser mais responsáveis no ano seguinte, esforçando-se para melhorar seu desempenho; mas, para alguns, ela de nada vale. As atitudes irreverentes continuam e nada muda.

O tipo de aulas não muito interessantes, a atuação de alguns professores que deixam as coisas acontecerem sem tomar decisões, a falta de paciência docente são alguns dos aspectos abordados pelos alunos como possíveis contribuições para o desinteresse pelos estudos. Mas, duas razões chamam a atenção, por saber-se de sua existência na escola pesquisada. A primeira diz que alunos deixam de fazer as atividades para “mostrar que ninguém manda neles”. Essa atitude é típica de adolescentes, que, colocam a opinião do grupo de amigos acima de tudo. Não há pais, professores ou quaisquer *autoridades* que lhes façam mudar de atitude diante do grupo de amigos. Por essa razão os pais afirmam que seu filho *não costuma ser assim*. E realmente, quando sozinho, ele não o é. Mas, estando com o grupo, suas atitudes tendem a mudar. O mesmo acontece quando tais alunos são levados à presença da direção ou equipe pedagógica devido a algum comportamento inadequado na sala de aula. Na conversa particular, ele se mostra cordato, bem educado, respeitoso. Pode até parecer que seu mau comportamento não aconteceu.

Outra razão alegada por apenas um aluno, mas, constata-se pela observação, afeta um número bastante elevado deles, é a presença de uma

Lan House nas proximidades da escola. Muitas vezes foram encontrado alunos neste local em horário de aula, preferindo divertir-se nos jogos dos computadores. Tal preferência pode ser explicada pelo fato de que os jogos apresentam-se como desafios, enquanto que as aulas, muitas vezes, não exigem sequer concentração, muito menos são desafiadoras ou estimulam a curiosidade do educando.

Entretanto, a curiosidade é que leva ao conhecimento, pois estimula a busca por respostas. FREIRE, (1985, p. 51) insiste na “... necessidade de estimular permanentemente a curiosidade, o ato de perguntar, em lugar de reprimi-lo. As escolas ora recusam as perguntas, ora burocratizam o ato de perguntar”. A forma mais conhecida de burocratizar a pergunta é declarar que os alunos só podem perguntar quando o professor tiver encerrado sua fala. Ora! Neste momento a curiosidade do aluno foi esquecida e ele já estará pensando em outra coisa. Assim, os alunos preferem os jogos, que são desafiadores e onde ninguém os impedirá de tentar até vencer. Cabe aos professores lembrarem-se de um ditado popular que diz que se não se pode combater, deve-se juntar esforços, aliando-se. Ninguém conseguirá combater o uso de computadores em plena era da informática. O que precisa ser feito é conquistar os alunos, desafiando-os, estimulando-os a buscarem as respostas, ajudando-os a serem cada dia um pouco melhor.

IMPLEMENTAÇÃO DA PROPOSTA NA ESCOLA

Feitas as entrevistas e analisadas as respostas à luz de pensadores como FREIRE, SZYMANSKI, MORAIS, GASPARIN e outros, suas conclusões foram apresentadas ao grupo de docentes envolvidos nas escolas estaduais do município. Buscava-se promover debates, trocar experiências, ler e discutir alguns autores previamente selecionados, e possíveis caminhos que levassem ao cerne da questão, de modo a poder incluir os alunos pesquisados no rol dos vencedores.

Para isso, organizou-se um curso de 30 (trinta) horas, incluindo 04 (quatro) encontros de 04 (quatro) horas cada, com professores da escola

pesquisada e de outras escolas que também se mostraram interessados, para debater as leituras efetuadas em horário especialmente reservado para esse fim. Ainda, 14 (quatorze) horas foram destinadas à leitura dos seguintes autores: FREIRE, PEZZINI e SZYMANSKI, SZYMANSKI, MORAIS, GASPARIN e COMENIUS. Participaram do curso 03 (três) professores de História, 05 (cinco) professores de Língua Portuguesa, 02 (dois) Pedagogos, 04 (quatro) professores de Ciências e Matemática e 03 (três) professores da Educação Especial, todos eles fazendo parte do Quadro Próprio do Magistério – SEED/PR.

No primeiro dia de curso foi apresentado o projeto, as entrevistas e, de forma sucinta, as respostas apresentadas pelos alunos. Em grupos foi debatido o tema, questionando-se os métodos e as técnicas utilizadas pelos professores, e como esses procedimentos estão desafiando e estimulando o aluno a aprender. Ao analisar as respostas dos alunos, os professores sentiram o impacto de determinadas respostas, que demonstravam de forma clara e até, por vezes, agressiva, os sentimentos discentes com relação a determinadas atitudes dos professores e/ou situações do dia-a-dia escolar. Algumas respostas deixavam entrever situações humilhantes, que ferem profundamente o sentimento do aluno adolescente, que por natureza é inseguro, sensível e, às vezes, revoltado contra tudo e todos, mas principalmente contra qualquer tipo de autoridade.

Os cursistas perceberam, humildemente, sua própria contribuição para determinadas situações, e sentiram-se gratos pela oportunidade de debater o assunto com seus pares, reconhecendo que no Calendário Escolar não são previstas muitas oportunidades semelhantes, para que se possa parar, respirar fundo e repensar a prática pedagógica.

Ao final do primeiro dia de curso foram distribuídos alguns títulos para leitura e organização de uma apresentação, para debate das idéias principais no próximo encontro. Tendo em vista que os cursistas eram de três escolas, cada grupo leu uma obra: MORAIS KUPFER e HOFFMANN.

No segundo dia de curso, os grupos tinham como incumbência apresentar o resultado da leitura efetuada, sendo que, em resumo, as apresentações foram como segue:

1. O que é Ensinar?

Ensinar é uma forma de intervir em vidas humanas, é convidar o educando a viver e esgotar os conflitos naturais da vida, é o professor contribuir para a formação de uma visão de mundo crítica, discutindo os conteúdos, auxiliando o aluno a descobrir o valor da autodisciplina, deixando marcas, lembranças.

Ensinar é mesmo uma tarefa de totalidade, exige paixão pelo que se ensina, e não ter perdido a crença nas possibilidades da pessoa que aprende, nutrindo respeito por aquelas vidas que lhe foram confiadas.

Compete ao “ensinador” mostrar a seus alunos a importância de ser vulnerável ao outro, pois é melhor que às vezes seja preciso “catar os cacós”, retomar, voltar, fazer outra vez, do que não tentar.

2. Freud e a Educação – O Mestre do Impossível:

A psicanálise surgiu na década de 1890, com Sigmund Freud, um médico interessado em achar um tratamento efetivo para pacientes com sintomas neuróticos ou histéricos. Conversando com pacientes, Freud acreditava que seus problemas se originavam da inaceitação cultural da sexualidade, que levava ao recalque dos desejos no inconsciente. Freud nunca se preocupou em construir métodos. A relação professor-aluno não se focalizava nos conteúdos, mas na transferência, sendo uma manifestação do inconsciente. O que se transfere para o contexto escolar são as experiências vividas originalmente com os pais, que podem ser atualizadas na relação docente.

O texto ressalta que a educação é uma profissão impossível. Só pode ser pedagogo aquele que se encontrar capacitado para penetrar na alma infantil. Para educar, o educador deve ter contato com sua própria infância, o que muitos nem lembram.

Para Freud, a sexualidade infantil é algo mais amplo que o simples prazer sexual. Relaciona-se com sua vida e seu próprio corpo. Cabe ao professor falar a verdade, esclarecer as idéias apresentadas pelas crianças com relação à sexualidade, de que as crianças nascem pelo ânus da mãe,

por exemplo. A curiosidade desempenha um papel importante no desejo de aprender e respeitá-la é respeitar o aluno enquanto pesquisador, possibilitando-lhe sublimar a libido, investindo-a no estudo e na aprendizagem escolar.

A psicanálise trouxe avanços na aprendizagem, pois ajudou a entender fobias, traumas, romper tabus e preconceitos sobre a sexualidade, tendo em vista que estuda a construção da subjetividade.

3. O Jogo do Contrário em Avaliação:

O livro trata especialmente de uma prática inclusiva de avaliação em seu sentido mais pleno, ou seja, de acompanhar e respeitar aluno por aluno em suas diferenças individuais para promover oportunidades dignas de aprendizagem a todos, da educação infantil à universidade. A autora destaca com profundidade os princípios pedagógicos que precisam ser respeitados para uma prática avaliativa desta natureza e orienta os educadores sobre como desenvolver os três tempos da avaliação: tempo de admiração/observação do aluno, tempo de reflexão sobre suas aprendizagens e tempo de reconstrução das práticas avaliativas. A autora ilustra o livro com casos reais de avaliação em escolas públicas e particulares.

O livro é apresentado de forma a poder ser lido de frente para trás ou de trás para frente. Para a autora, a aprendizagem não tem caminhos pré-definidos uma vez que se trata de um grupo de alunos com diferentes visões de mundo, com experiências e oportunidades diferentes, de modo que cada um entende o que for ensinado de modo diferente. Sendo assim, a autora propõe a reconstrução das práticas avaliativas em respeito às diferenças.

A Síntese Final do dia

Depois das apresentações, foram formados grupos para debater os conteúdos das leituras e sua aplicabilidade no trabalho pedagógico. Alguns trechos ficaram bem marcados, tais como:

- a. “A avaliação deve ser contínua: avaliar, acompanhar, promover processo de transformação, construção do conhecimento.”
- b. “A escola tem papel fundamental na educação, mas a família precisa colaborar”.
- c. “Para Freud, só poderia ser pedagogo aquele que se encontrasse capacitado para penetrar na alma infantil.”
- d. “Avaliar não é apenas medir o aprendizado do aluno. É parte do processo educativo. Não é apenas ponto de chegada, mas também de partida, pois é através da avaliação que se pode saber se o trabalho continua ou se é necessária uma retomada.”
- e. “Se a avaliação é processual, então não deveria acontecer em momentos específicos. Deveria ser parte da atividade.”

Dos debates resultaram como sugestões de mudanças na prática dos professores:

- mais oportunidades aos alunos de criar suas próprias atividades e apresentá-las à classe, dentro dos conteúdos em estudo;
- organização de aulas em forma de teatro, criação de paródias, apresentação de danças, resumos em forma de histórias em quadrinhos, formação de murais para exposição dos trabalhos,
- preparo de atividades como cruzadinhas ao invés de sempre fazer a síntese do assunto, de forma a tornar as aulas mais dinâmicas na tentativa de cativar os alunos.

Ao final deste dia, organizou-se a leitura de Gasparin (2006), em grupos para exposição dos alunos no encontro seguinte.

No terceiro dia de curso, as exposições foram seguidas de debates muito intensos. A didática sugerida por GASPARIN já é praticada em pelo

menos um Colégio onde atuam alguns professores do curso. Assim, foi possível perceber sua aplicabilidade e os benefícios dela oriundos.

1. Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica:

Segundo Gasparin, a Pedagogia Histórico-Crítica pode ser trabalhada da seguinte maneira:

- ✓ Prática Social Inicial do Conteúdo: Apresentar o conteúdo a ser trabalhado e verificar o que os alunos já sabem a respeito. Verificar qual é a compreensão que os alunos possuem no seu dia-a-dia. Esta prática social pode ser encarada como leitura da realidade.
- ✓ Problematização: Explicitar os principais problemas da prática social, é um elemento-chave na transição entre a prática e a teoria. Na origem do conhecimento está colocado um problema, oriundo de uma necessidade. A problematização tem como finalidade selecionar e discutir problemas que têm sua origem na prática social. Deve-se questionar e selecionar conteúdos, ler as necessidades sociais, históricas, culturais, políticas, econômicas, conceituais, científicas, legais. A problematização é o fio condutor de todo o processo de ensino-aprendizagem.
- ✓ Instrumentalização: Ocorre através de ações didático-pedagógicas para a aprendizagem. Todo o processo ensino-aprendizagem é encaminhado para, explicitamente, confrontar os sujeitos da aprendizagem – os alunos – com o objeto sistematizado do conhecimento – o conteúdo. A instrumentalização é o caminho através do qual o conteúdo sistematizado é posto à disposição dos alunos para que o assimilem e o recriem e, ao incorporá-lo, transformem-no em instrumento de construção pessoal e profissional.
- ✓ Catarse: A expressão indica a nova forma de entender a prática social. Na catarse, que é a demonstração teórica do ponto de

chegada, do nível superior que o aluno atingiu, a operação fundamental é a síntese.

- ✓ Prática Social Final: Esta fase representa o nível de desenvolvimento atual do educando. São as intenções do aluno, sua nova postura mental, sua prática, atitude sobre o conteúdo, ações do aluno, é a transformação social.

2. Didática Magna:

Quanto à obra de Comenius, foram debatidos com maior ênfase os REQUISITOS GERAIS PARA ENSINAR E PARA APRENDER em seus Fundamentos de I a IX, que ensinam a:

- iniciar a educação no tempo certo (puerícia=primavera);
- ter em mãos tudo o que vai precisar durante a aula;
- perceber o que estaria impedindo o aluno de aprender e resolver este problema primeiro;
- ter seqüência no ensino dos conteúdos, trabalhando metodicamente de modo a não confundir o aluno;
- formar primeiro a inteligência do aluno para a compreensão das coisas, em seguida a memória e depois a matéria (disciplina);
- apresentar o todo primeiro, para depois ensinar as partes, e não o contrário;
- aproveitar o tempo escolar;
- levar a educação a bom termo de alguma forma, por algum caminho, fazendo sempre o melhor possível e, finalmente,
- selecionar projetos apresentados admitindo aqueles que não atrapalham o andamento das atividades normais.

Já os FUNDAMENTOS PARA ENSINAR E APRENDER COM FACILIDADE, em número de 10, ensinam que:

- Assim como a natureza começa do início, a aprendizagem começa pela “limpeza” da mente dos alunos, para poder “cultivá-la”.
- O aluno precisa ser provocado, incentivado, desafiado a querer saber. “O método de ensinar deve diminuir o trabalho de aprender.”
- Toda arte deve encerrar-se em muito poucas regras, mas exatíssimas. Toda regra deve estar contida em pouquíssimas palavras, mas claríssimas. Cada regra deve ser seguida de numerosos exemplos que façam ver como é grande a variedade dos casos a que se estende a sua aplicação.
- Apresenta-se primeiro o que o aluno conhece, para depois introduzir o inédito.
- Ensina-se o essencial, e provoca-se o desejo de saber o restante.
- É preciso dar tempo ao tempo. O aluno só vai entender algumas coisas quando tiver dominado as etapas anteriores.
- Ensina-se a andar e depois se deixa que caminhem. Ninguém pode caminhar o caminho que é do outro.
- Devem-se utilizar de todos os métodos e técnicas que se conhece, e até buscar os que ainda não se conhece, para que se possa atuar da maneira melhor possível.
- Deve-se mostrar ao aluno, sempre, a utilidade daquilo que vamos ensinar, para que ele não pense que é aprendizagem inútil e passe a desinteressar-se.
- Na mesma escola, seja a mesma a ordem e os processos de todos os exercícios. Que todos os professores falem a mesma linguagem (metodologia, avaliação...).

No quarto e último dia de curso foram lidos, em grupos, alguns pequenos textos sobre motivação em sala de aula. Os textos selecionados,

retirados de páginas da *internet*, têm como autores: Melleti, Gomes e Souza, Lombardi e Reis e Souza,

Melleti, Gomes e Souza (2008) apresentam uma experiência feita por uma equipe pedagógica com um aluno com as características, imputadas a alunos com falta de desejo de aprender, apresentadas no início deste trabalho. A escola em questão recebeu o aluno com uma grande diferença idade/série, apresentando desinteresse pelos estudos e, como os demais considerados “não interessados”, sentindo como gigantescas exigências as propostas rotineiras de atividades em sala de aula.

Como a equipe pedagógica entende que o desejo advém da falta, percebeu ser importante proporcionar espaço para que as dúvidas pudessem ser esclarecidas, aparecendo, então, a curiosidade, as perguntas e, portanto, a movimentação da energia libidinal que levasse à superação do conflito. O aluno foi levado a compreender o seu não desejar/desejar.

Entende-se que o papel da escola é dar condições para que o aluno descubra suas motivações e seus objetivos já que a escola é um espaço possível para a articulação de seu desejo a um objetivo, reconstruído como objeto de conhecimento.

Lombardi (2008) apresenta algumas estratégias para que o aluno aprenda com maior facilidade. Segundo o autor, “Ensino estratégico é saber o que fazer, quando fazer e com que alunos. Ensinar estrategicamente é usar as estratégias de aprendizagem que ajudarão os alunos a aprender e a usar os conteúdos estudados.”

Para tanto, é necessário que se gastem muitas horas no preparo das aulas. Segundo ele, o planejamento prevê o que será feito antes, durante e depois de cada aula. Alguns procedimentos para antes das aulas:

- Informar os alunos do objetivo das atividades de antecipação.
- Identificar o objetivo da tarefa a desenvolver.
- Fornecer a informação de suporte.
- Clarear os parâmetros da tarefa a ser desenvolvida.
- Nomear os conceitos a serem aprendidos.
- Motivar os alunos usando razões relevantes.

- Informar com clareza como deve ser efetuado o trabalho.
- Apresentar os resultados desejados como incentivo ao comprometimento dos alunos.

Para motivar os alunos, que não é tarefa fácil, pode ser utilizada uma estratégia conhecida como IPLAN. A sigla refere-se aos termos em inglês, e segue os seguintes passos:

- I – Investigation - Inventário dos pontos fortes e fracos de cada um, objetivos e escolhas em relação à aprendizagem.
- P – Presentation - Apresentar o inventário para a classe.
- L – Listening - Escutar e responder.
- A – Asking - Fazer perguntas;
- N – Dizer quais os seus objetivos.

Para o autor, a chave para a motivação dos alunos reside no seu próprio envolvimento em todas as áreas que os afetam. É preciso incentivá-los a terem papel ativo no próprio processo de aprendizagem. Um aluno com mais dificuldade pode trabalhar juntamente com outro aluno com mais facilidade, que possa e saiba incluí-lo na tarefa, elogiando seus progressos. Em todo caso, os alunos precisam ter claros os objetivos a serem alcançados e os procedimentos esperados pelo professor.

Para manter os alunos motivados, alguns procedimentos são recomendáveis:

- Estabelecer metas individuais. Isso permite que os alunos desenvolvam seu próprio critério de sucesso.
- Emoções positivas melhoram a motivação. Se o professor puder tornar alguma coisa engraçada ou emocionante, a turma tende a aprender muito mais.
- Deve-se despertar no aluno o desejo de aprender.
- É preciso dar atenção, mostre ao aluno que o progresso dele é importante. Ser indiferente a uma criança é um poderoso desmotivador.
- Devem-se negociar regras para o desenvolvimento do trabalho.

- Mostrar como o conteúdo pode ser aplicado na vida real.
- Em vez de reprimir respostas ou atitudes erradas, reconhecer o trabalho bem feito.
- Sempre que possível, oferecer opções de atividades.

Reis e Souza (2008) referem-se mais explicitamente ao desejo. Lacan, citado no texto, afirma que “O que está em questão no desejo é um objeto, ... diante do qual desfalecemos, vacilamos, desaparecemos como sujeito”. O desejo está sempre relacionado a uma falta, a uma ausência, e aparece de forma dissimulada. Tendo em vista a falta de entendimento sobre a necessidade de aprender determinados conteúdos, o aluno não pode sentir desejo de aprendê-lo. Isso se deve, segundo Richter (2000, p.11), à “...manutenção de estratégias de ensino ultrapassadas e inócuas...”. A falta de motivação por parte de muitos professores tem como consequência inevitável a desmotivação do aluno. Para mudar este quadro é necessário rever alguns conceitos sobre educar, que, nas palavras de Lacan, significa “... pôr os alunos a trabalhar, fazendo-os ir em busca do que eles não sabem.” Finalmente, o texto afirma que o professor pode trabalhar influenciado por **Eros** ou **Tanatos**. **Eros**, o detentor da vida, da pulsão, do desejo, é capaz de despertar no professor o entusiasmo de uma aula. Já o professor considerado como **Tanatos**, que representa a morte, o despreparo, o desinteresse, pode fazer com que a aula seja uma catástrofe quanto ao ensino e quanto à memória dos educandos.

Todos estes textos foram amplamente debatidos com o grupo de professores, repensando-se a prática de sala de aula. Dos debates, algumas idéias foram apontadas como necessárias para as mudanças que se perceberam indispensáveis para uma educação com mais qualidade. Dentre elas, podem ser citadas:

- O aluno precisa de desafios.
- O professor deve trabalhar com cada aluno de forma individualizada, indo até a carteira dele.
- É preciso criar condições para a aprendizagem.

- Os professores não devem considerar-se prontos, formados. Sempre há algo mais a aprender através de leituras.
- É preciso parar o trabalho algumas vezes, para refletir sobre o que se está fazendo e como se tem trabalhado, quais objetivos foram atingidos e quais ainda não.
- As aulas devem ser trabalhadas através de interação entre professor e alunos, entre alunos e alunos, e entre alunos e recursos tecnológicos. A aprendizagem deve partir de perguntas, criando condições de diálogo em sala de aula, sendo que a motivação deve ter início no próprio planejamento.

Os professores participaram ativamente dos debates, relatando experiências, apontando dificuldades, acatando sugestões, comprometendo-se na busca de novas leituras, por entenderem que a dificuldade em trabalhar com alunos desinteressados, descompromissados, é cada vez maior. A busca de novos caminhos não é mera necessidade, mas é condição para o sucesso da educação como um todo. Mudanças no modo de tratar os alunos são urgentes, para que se possa conseguir que todos alcancem o mínimo de conhecimento a que têm direito.

CONCLUSÃO

A busca de respostas para as perguntas que foram surgindo ao longo do projeto, trouxe outras tantas, cuja solução não está nas mãos dos professores apenas. Elas dependem da vontade política de quem governa, de quem financia, de quem é detentor do poder.

Percebeu-se, por exemplo, que existem muitos professores despreparados para o exercício do magistério. Tais professores receberam uma formação deficitária nas Instituições onde estudaram e, após a graduação, alguns deles não tiveram oportunidade de ampliar/renovar seus conhecimentos. Sabendo-se que o próprio conhecimento se renova muito rápido nos dias atuais, não se pode ficar parado ou corre-se o risco de ser

ultrapassado até pelos alunos. Como incentivar os professores a se manterem estudando?

Algumas exigências do MEC (Ministério da Educação e Cultura) são vistas com certa desconfiança pelos educadores. Uma delas é que os livros que trazem as matérias para a formação dos professores não podem conter instruções de como ensiná-las aos alunos. Conforme matéria publicada na Veja (18/10/2008) intitulada “Os Professores e a Regra de Três”, um médico, ao aprender sobre apendicite, aprende também como operá-la. Mas um professor, ao aprender regra de três, não aprende como ensiná-la. Realmente, em todos os cursos oferecidos pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná, o “como ensinar” é assunto proibido. Não seriam necessárias receitas prontas, mas algumas sugestões poderiam possibilitar um leque de idéias de como proceder.

Da mesma forma, seria necessário um suporte psicológico para que os professores se adequem ao modo de ser, de pensar e de agir dos adolescentes, como meio de evitar tantos conflitos observados nas escolas e que, muitas vezes, resultam em atos violentos.

Existem outras tantas atitudes que podem e devem ser tomadas pelos professores, que venham a enriquecer o dia-a-dia escolar, a melhorar a auto-estima própria e dos alunos, a tornar as aulas mais produtivas pelo desafio que as atividades venham a representar, pelo incentivo ao crescimento intelectual feito pelo próprio professor e pelos resultados positivos advindos destas atitudes.

É difícil? Dará mais trabalho? Certamente a resposta é afirmativa nos dois casos, mas o resultado será satisfatório para todos.

REFERÊNCIAS

BERNARDO, Gustavo. **Redação inquieta**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2000.

CASTRO, Claudio de Moura e. Os Professores e a Regra de Três. In **Revista Veja**, ed. 2083 publicada em 22/10/2008, p. 24.

COMENIUS, João Amós. **Didática magna; a arte de ensinar tudo a todos**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DEMO, Pedro. **Desafios modernos da educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. **Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. Campinas: Autores Associados, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1995.

KUPFER, Maria Cristina. **Freud e a educação; o mestre do impossível**. São Paulo: Scipione, 1995.

LEFÉVRE, Fernando; LEFÉVRE, Ana Maria Cavalcanti. **O Discurso do sujeito coletivo – um novo enfoque em pesquisa qualitativa (Desdobramentos)**. Caxias do Sul: EDUCS, 2005.

LOMBARDI, Thomas P. **Estratégias de ensinar**, tradução de Amélia Marques, obtido via internet no site <http://www.malhatlantica.pt/ecae/cm/aprendizagem3.htm>

MELLETTI, Claudia Maria Duran, GOMES, Elma Elizabeth Arruda de Souza e SOUZA, Vânia Carvalho Bueno de. **O papel essencial da escola é despertar no aluno o desejo de aprender**. Obtido via internet pelo site www.netpsi.com.br

MORAIS, Regis de. **O que é ensinar?** São Paulo: EPU, 1986.

PEZZINI, Clenilda Cazarin e SZYMANSKI, Maria Lídia Sica. **O Novo desafio dos educadores – como enfrentar a falta de desejo de aprender.** In Anais do Simpósio de Educação: XIX Semana de Educação. Cascavel: Edunioeste, 2007.

REIS, Ayrton Rodrigues SOUZA, Orion Penna e. **Onde se esconde o desejo de aprender do aluno?**, obtido via internet no site www.ufsm.br/lec/01_01/Ayrton-OrionL5.htm.

RUDEL, Douglas. **Dicionário de psicologia prática.** Obtido via Internet no site <http://paginas.terra.com.br/arte/rudedouglas/Dicionario.htm>

SZYMANSKI, Maria Lídia Sica; PEREIRA JUNIOR, Antonio Alexandre. **Diagnóstico e intervenção psicopedagógica.** Cascavel: Edunioeste, 2006.

RICHTER, Marcos Gustavo. **Ensino do português e interatividade.** Santa Maria: Ed. da UFSM, 2000.